

Contatos astrológicos de terceiro grau

— ERICKA DEVILLART —

intransitiva
• revista

TRANSFORMAÇÕES DO EU E DO OUTRO (V. 6, N. 1, 2022)

Contatos astrológicos de terceiro grau

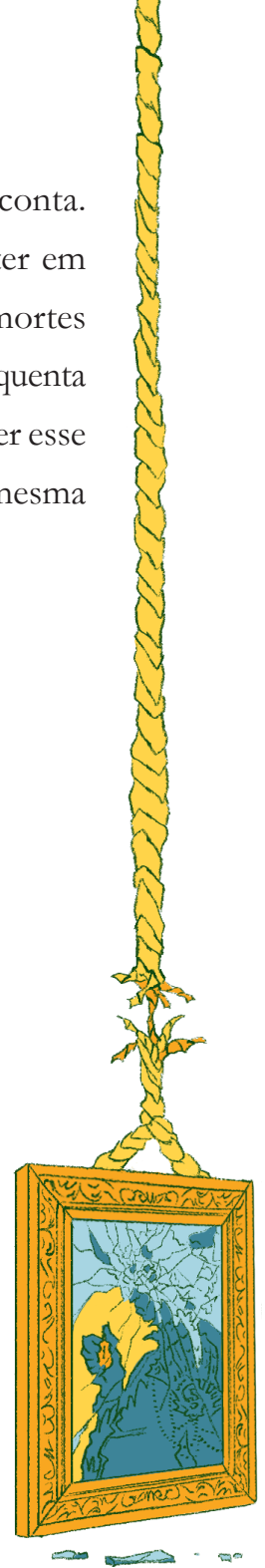
Ericka Devillart

A gente passou uma pela outra na vida. Disposta a dar as mãos, a gente só as deslizou uma na outra na tentativa de pegar, de segurar. Eu poderia dizer que durou um minuto, em uma visão macro e geral – o que significaria 60 segundos numa visão micro e íntima. Sessenta segundos significam muita coisa. Significa nossa sinastría astrológica e nossas luas na décima segunda casa do mapa natal da outra. Significa minha sensibilidade emocional *versus* sua resistência sentimental. Significa nossas vênus opostas, não obstante, se complementando. Simboliza o que te fiz aprender e o que você me ensinou. Desde os prazeres que te levei, a responsabilidade que me apresentou. A relação entre o grande maléfico e o pequeno benéfico – que entre eles, no meu mapa, forma-se uma desafiadora quadratura. Foram sessenta segundos como flashes de momentos nossos. Uma trilha sonora interminável e só nossa. E esse foi o primeiro momento em que começamos a jornada de não sermos mais as mesmas, o quarto segundo de sessenta. De todas as músicas que trocamos, de todos os sentimentos da outra que experimentamos. De todas as trocas, de roupa a posições. De todas as noções. De todas as frações – de segundo e de equação.

Sessenta é um número grande para algo que durou tão pouco. Como pode, sessenta em quantidade durar menos que um aperto de mão? Durou menos que uma tentativa de um aperto.

Um suave cumprimento que transformou a ti, a mim. Eu conheci a paixão, pathos até, mas platônico foi a última coisa que nosso encontro foi. Revirei você por inteira e achei a mim. Você, por outro lado, sobreviveu. Se conheceu, se reconheceu na própria bagunça que te causei. Como quem joga todas as roupas do armário em cima da cama, na tentativa de saber o que vestir. Que sentimento ou que emoção lhe cabe? Lhe serve? Lhe veste. Quantas vezes o sentimento de amar foi confortável para você? Provavelmente você esqueceu que podia ser. Eu lembro de ter bagunçado sua rotina, deve ter sido assustador. Aterrorizante saber que alguém te tirou dos eixos, e teve o poder de te mobilizar a tomar uma atitude, como admitir o que sente ou como tomar uma decisão importante sobre isso. Eu disse que te revirei. O décimo sétimo segundo. Quando sorrimos uma para outra por décimos do nosso encontro. Cada centímetro das linhas de expressão que compuseram nossos sorrisos parece ter feito esse cumprimento acelerar. Como um flerte na rua, prometeu o mundo de possibilidades e fantasias para quem tem posições fortes em peixes no mapa – um mundo que nem mesmo Atlas seria capaz de carregar. Fatal como um dardo, acertou a você e incansavelmente a mim. No quinquagésimo nono segundo, eu senti nossos dedos médios se deslizando e tentando prolongar o nosso contato, e a troca de quê? De que troca? A despedida é uma troca da certeza de que uma tocou a outra. Desses sessenta segundos, confesso, os milésimos eu neguei, os centésimos te desejei e os décimos eu te amei. Em todos eles, descobri a mim através de você e do que me fazia sentir. Eu mergulhei muito fundo nas águas calmas do teu olhar de um ascendente em peixes, e a cada metro de profundidade eu encontrava minha própria intensidade.

Minha lua, também em peixes, não achava que dava conta. Mesmo que profundamente ancorada pelo meu júpiter em escorpião, em que morrer parecia a solução. Quantas mortes couberam em um minuto? Ou em sessenta segundos. Cinquenta e nove vezes renascendo, sessenta agora. Só para escrever esse texto. Soltei sua mão. E percebi que nunca mais fui a mesma desde então – você também não.



Sobre a autora

Ericka é estudante de História da Arte na UFRJ, e seu sobrenome é mera coincidência – além de real. Ao longo da vida teve vários casos de amor com arte, de plásticas à cênicas, eventualmente abandonando todos, mas declara que é na literária onde se expressa melhor – e abusa de referências. Gosta de usar da graduação para falar de cultura pop com fundamento e, assim, conseguiu ter alguns *insights* publicados. Como historiadora, pesquisa arte brasileira do século XIX. Como pessoa, é esotérica, daquelas que leem mapa astral e joga tarot. Taurina com lua em peixes, voltou a escrever porque se apaixonou.